



## NOS ENTREMEIOS DA MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA INTERMEDIADA PELA OBRA *POR PARTE DE PAI*

Bruna Louize Miranda Bezerra Cassiano<sup>1</sup>

Rebecca Cruz Pinheiro<sup>2</sup>

### Resumo

As narrativas de Bartolomeu Campos Queirós são, em grande parte, evocativas da memória. A obra *Por Parte de Pai*, de sua autoria, apresenta o viés memorialístico como elemento norteador que, envolto em uma linguagem repleta de poeticidade, consegue atrair e encantar diversos públicos, inclusive os mais jovens. Ancorando-se nas premissas do letramento literário, isto é, pensando na construção de sentidos que os alunos podem alcançar mediante o contato com o texto literário, este trabalho propõe uma atividade didática capaz de viabilizar a leitura concreta da obra *Por Parte de Pai*. Entendendo a leitura como resultado de uma interação, em que autor e leitor dialogam mediados pelo texto, e como uma atividade social, visto que é permeada pelas convenções comunicativas de uma comunidade, escolhe-se como proposta a construção de uma sequência didática básica, sugerida por Rildo Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2014). Sistematizada a fim de motivar os alunos à leitura, a sequência didática constitui-se de quatro etapas: motivação, preparação do aluno para entrar no texto; introdução, apresentação do autor e da obra; leitura, contato direto com o texto, momento composto de intervalos para averiguação da leitura; e interpretação, construção do sentido do texto por parte do aluno. Ademais, além de possibilitar aos alunos e às alunas a experiência de se apropriarem dos significados inerentes à obra em questão, essa atividade também se propõe a romper com a aplicação de textos canônicos no ensino de Literatura Infanto-juvenil, ampliando, desse modo, as possibilidades do fazer literário na sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Literatura Infanto-juvenil; Sequência didática.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRN

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRN



## 1. Introdução

É comum, no atual cenário da educação, a disposição de atividades nos livros didáticos voltados para o ensino de língua materna que pouco viabilizam a construção dos sentidos por parte do leitor. Ainda que o material didático produzido ultimamente apresente uma gama de atividades de leitura e de compreensão pautadas no contato com diversos tipos de textos, nota-se uma considerável lacuna na educação brasileira condizente à formação de leitores de obras literárias.

Como resultado disso, muitas vezes os alunos além de frustrarem-se com as obras literárias utilizadas, segundo Jauranice Rodrigues Cavalcanti (2016), como “mero texto informativo ou apenas como exemplo de uma dada escola literária”, ausentam-se do ambiente escolar munidos de ideias errôneas do que seria leitura e a importância dela para as suas vidas.

Pensando na infertilidade de certos métodos de ensino de literatura aplicados cotidianamente em sala de aula, este trabalho, desenvolvido na disciplina *LET 0057 Literatura Infanto-Juvenil I*, do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem como objetivo propor uma atividade didática capaz de viabilizar a leitura concreta da obra *Por Parte de Pai*, cuja autoria é de Bartolomeu Campos Queirós. Trata-se de uma maneira de oportunizar aos alunos a apropriação do texto literário e de, conseqüentemente, torna-los construtores de sentidos mediante o contato com a obra em estudo.

Tais preceitos de apropriação do texto literário e construção de sentidos a partir da leitura efetiva da obra a ser analisada desaguam no processo de Letramento Literário elucidado por Graça Paulino e Rildo Cosson (2009), que se fez uma concepção basilar das discussões elaboradas em torno da atividade didática proposta. Ao compor o universo escolar, o processo de Letramento Literário ramifica-se na noção de escolarização da literatura, ideia postulada por Magda Soares (2011) e que também fundamentará as questões levantadas neste trabalho.

Entendendo a leitura como resultado de uma interação, em que autor e leitor dialogam mediados pelo texto, e como uma atividade social, visto que é permeada pelas convenções comunicativas de uma comunidade, escolheu-se como proposta didática a construção de uma sequência didática básica, sugerida por Rildo Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2014). Essa sequência é constituída por quatro etapas: motivação, preparação do



aluno para entrar no texto; introdução, apresentação do autor e da obra; leitura, contato direto com o texto, momento composto de intervalos para averiguação da leitura; e interpretação, construção do sentido do texto por parte do aluno.

A obra literária selecionada para mediar a atividade didática proposta apresenta o viés memorialístico como fio condutor da narrativa, que perpassa a infância do narrador-protagonista desse romance. Por abordar um tema como a memória, mais especificamente as lembranças de um jovem garoto, uma obra como essa, que resgata o universo juvenil através de uma linguagem rica em tons de poeticidade, mostra-se ao alcance dos alunos a que essa atividade se dirige. Ao refletir em suas linhas determinadas temáticas próprias da juventude, as chances desses estudantes enxergarem-se no texto literário, apropriarem-se dele e, a partir disso, construírem sentidos extralinguísticos, são consideráveis.

## **2. Letramento literário e escolarização da literatura**

Dentre os diversos letramentos, destaca-se o Letramento Literário como uma das concepções centrais desta pesquisa, tendo em vista a abordagem sobre o ensino de literatura. É necessário, portanto, delimitar o que se entende por Letramento Literário, apoiando-se em Graça Paulino e Rildo Cosson (2009): “[...] Propomos definir letramento literário como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Em vista disso, esse letramento exige leituras eficazes do texto literário, de modo que o leitor seja capaz de depreender/criar sozinho sentidos para o texto e isso ocorre como um processo, ou seja, está sempre em estado de transformação.

Para os autores supracitados, esse letramento é constituído de dois grandes procedimentos: a interação verbal e o (re)conhecimento do outro. Aquele diz respeito à necessidade de “uma integração mais profunda com o universo da linguagem” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 68), já que tratar do texto literário, leitura e escrita, demanda conhecimento deste mundo feito de palavras, pois só assim o indivíduo se torna capaz de se apropriar do texto. Este, o (re)conhecimento do outro, refere-se à capacidade que a literatura tem de permitir que “o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 69), visto que a identidade dos sujeitos são



constituídas atravessadas pelos textos lidos ou levados a eles pela cultura, e esse contato com a literatura os permitem ser o outro sendo ainda eles mesmos.

Aliados a esses procedimentos, pode-se refletir sobre a questão do Letramento Literário na escola, processo que, ao adentrar no âmbito escolar, requer a escolarização da literatura, muitas vezes tida como algo negativo. No entanto, como se observa em Magda Soares (2011),

o que se quer deixar claro é que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura [...] e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura [...]” (SOARES, 2011, p. 25).

De modo que a escolarização da literatura só se torna inadequada quando afasta o aluno do texto literário, fato que pode ocorrer por diversos fatores, em especial pela ênfase demasiada da escola no conhecido, no comum, buscando as respostas mais literais e repetitivas, que acarreta na negação da criatividade e da interação questionadora dos alunos; a recusa da escrita de textos literários. Dessa forma, não se constrói um leitor autônomo, crítico, capaz de, saído da escola, selecionar de maneira consciente os textos que deseja ler, que acha digno de serem lidos, os alunos “saem da escola sem formação para a escolha de livros de acordo com seus interesses estéticos e culturais” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 72).

Dentre outros fatores que acabam por corroborar para a escolarização inadequada tem-se ainda a predominância da leitura e estudo de fragmentos de obras, não permitindo a percepção do todo do texto, a análise profunda deste; uso do texto apenas para observação de aspectos formais ou para fins ortográficos e gramaticais, existindo apenas uma mera identificação de conteúdo; a seleção limitada de autores e obras, atendo-se cânone, sem trazer à discussão outros textos que possam contribuir para formação do aluno; recortes inadequados dos fragmentos de obras, trazendo uma visão das obras que, além de fragmentária, é precária; e, por conseguinte não há contato com o livro, principalmente pela falta de recursos (da escola ou do aluno).

Logo, o ensino de literatura, especialmente nos dias de hoje, não pode se ater ao ensino tradicional, pautado somente pelas escolas literárias, a fim de que esse sistema defeituoso mude. Graça Paulino e Rildo Cosson (2009) discorrem sobre a necessidade de



tornar a leitura assim como a escrita, uma prática da vida do indivíduo, sugerindo, ao trabalho escolar, a criação de grupos de estudo/ clubes de leitura; a explanação da literatura enquanto parte da comunidade, sendo preciso o trabalho com várias frentes da literatura, da tradição oral aos meios de comunicação em massa; o uso da internet como forma de integração, que geralmente não pode ser concretizado no ambiente escolar, pela falta de infraestrutura.

Assim, juntamente com a falta de tempo disponível para que o professor planeje e execute o planejado, percebe-se que diversos fatores interferem na escolarização da literatura e conseqüentemente no Letramento Literário, no entanto, assevera-se a importância das práticas sugeridas, no intuito de promover “a formação de um sujeito da linguagem, de um produtor de textos, de um leitor que tenha a competência de interagir com a literatura em várias frentes, [...] articulando contextos de acordo com seus interesses pessoais e da sua comunidade” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 76), por meio ainda do estudo de obras literárias em sua completude, percebendo a textualidade e literariedade do texto, de modo a desafiar os alunos – não tanto para que não se sintam capazes e nem tão pouco para que se sintam subestimados – suscitando discussões em sala de aula, a fim de que se interessem pelo texto literário ao menos no ambiente escolar.

### 3. Sequência básica

A fim de fornecer estratégias que promovam o ensino de Literatura como uma prática do Letramento Literário, explana-se sobre a sequência básica, desenvolvida por Rildo Cosson (2014) e, em seguida, demonstra-se como ela pode ser utilizada na prática. A sequência básica é constituída de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação é uma forma de antecipação da leitura, gerando curiosidade no aluno, para que ele sinta o desejo de adentrar no texto que será trabalhado. Faz parte da motivação, como pontua Cosson (2014), estabelecer laços estreitos com o texto, podendo ser criada uma situação que requer o posicionamento dos alunos, o que costuma causar expectativas nos leitores, no entanto, “é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto, nem o leitor” (COSSON, 2014, p. 56), isto é, não deve ser por demais condutora da leitura.



A introdução, também uma antecipação do texto, é formada basicamente pela apresentação do autor e da obra. Em relação ao primeiro, vale salientar que a apresentação do autor, sua biografia, não pode tornar-se algo longo, ela deve ser fornecer informações básicas, que devem estar, se possível, relacionadas ao texto. Quanto ao segundo, o professor deve se ocupar de explicar sua escolha, a importância da obra, sem revelar muito sobre a narrativa. Outro ponto crucial na apresentação da obra é trazê-la para sala de aula, o livro físico, com o objetivo de chamar atenção para obra, deixando os alunos manuseá-la e analisando com eles elementos paratextuais, como a capa, havendo a possibilidade, aconselha-se levá-los à biblioteca para a retirada do livro.

Finalmente, ao chegar à etapa da leitura, esta não é feita aleatoriamente, mas acompanhada, composta por intervalos de leitura. “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (COSSON, 2014, p. 62), ou seja, já que a leitura escolar tem como meta que o aluno compreenda o texto e o estude, torna-se necessário alguém que o auxilie em suas dificuldades. Um passo decisivo desse acompanhamento são os intervalos de leitura, compostos de atividades que reflitam um pouco da qualidade de leitura que os alunos têm feito, assim, negocia-se o tempo necessário para a leitura do livro e, nesse período, são marcados os intervalos, os quais, por sua vez, funcionam como diagnóstico da etapa de decifração no processo de leitura (COSSON, 2014, p. 64).

A interpretação, última parte da sequência básica, é composta de dois momentos, um interno e um externo. O interno diz respeito ao entendimento que o leitor teve da obra, a leitura – cuja maior parte permanece íntima –, influenciada pela história de leitor do aluno, suas relações familiares, ou seja, todo seu contexto de leitura, tendo em vista que a “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (COSSON, 2014, p. 65). O momento externo é a materialização da interpretação, por meio da construção de sentido em uma determinada comunidade, e essa interpretação é compartilhada, expandindo o que foi percebido individualmente.

A interpretação deve ser, portanto, registrada e isso pode ser feito de diversas formas, seja por um diário anônimo a ser exposto, por exemplo, em um varal na sala (para os mais tímidos), seja por uma dramatização, dentre outras maneiras. O que não pode faltar no



momento da interpretação é a reflexão sobre a obra e que ela seja externada, promovendo um diálogo entre os leitores.

#### 4. Sequência básica: uma abordagem da obra *Por Parte de Pai*

Partindo da sequência básica projetada por Cosson (2014) e explicada anteriormente, demonstra-se a seguir uma abordagem da obra “Por parte de pai”, visando o estudo do texto e, portanto, a reflexão sobre as construções de sentido que ele possibilita. Por a obra a ser trabalhada abordar o tema “memórias”, a situação criada para a etapa da motivação, estando ligada a essa temática, envolveria uma reflexão acerca do que permanece vivo na sociedade contemporânea, mais especificamente, nos muros dispostos em zonas urbanizadas.

Seriam exibidas aos alunos fotografias de mensagens, poesias, avisos etc. pichados na cidade em que eles vivem, a fim de que percebam as diferentes maneiras de expressar sentimentos, ideias, pensamentos, e de torna-los memoráveis, assim como o personagem Joaquim, avô paterno do narrador da história, Antônio, o fazia ao escrever os acontecimentos de sua cidade nas paredes da casa em que morava. Dessa maneira, os alunos seriam preparados para adentrar na atmosfera memorialística de *Por Parte de Pai*.

Como introdução, seriam apontadas informações básicas acerca do autor e da obra. O autor, Bartolomeu Campos Queirós é um escritor mineiro que nasceu em 1944 e veio a falecer em 2012. Sua escrita sensível e poética, a maneira como tece a linguagem e os temas que aborda fez com que o público infantil logo se identificasse com muitas de suas obras, como *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, *O olho de vidro do meu Avô*, e *Por Parte de Pai*, livro que será trabalhado em sala de aula. *Por Parte de Pai* é uma obra que faz o leitor voltar no tempo por recriar cenários e acontecimentos da infância. Contempla a história de Antônio enquanto criança, que morava com seus avós paternos, Joaquim e Dona Maria, na Rua da Paciência, localizada no alto do São Francisco. O livro a ser estudado relata o relacionamento de Antônio com seus avós, trazendo vivências da infância do garoto sob o seu próprio olhar.

As narrativas de Bartolomeu Campos de Queirós são, em sua maioria, evocativas da memória. Na obra que será estudada, a temática memorialística aparece de forma intensa, aspecto observado na própria estética do livro, que apresenta em sua capa retratos antigos e fragmentos dos escritos de Joaquim. É tamanha a importância de *Por Parte de Pai*, uma vez



que esse livro oferece um novo horizonte, expondo o mundo ficcional permeado pela imaginação e pela fantasia em um cenário real. Trata-se de uma obra que permite a participação efetiva dos leitores nas construções de sentido, de modo que eles podem atribuir valores positivos ou negativos à obra em questão.

A etapa seguinte, a leitura, seria composta de três intervalos para acompanhamento da qualidade do processo de leitura. A primeira intervenção de leitura abordaria a narrativa da página 7 até a 20, sendo esta a parte introdutória do enredo, na qual o narrador vai apresentando o espaço e os personagens da história, bem como as situações ocorridas. Seria requerido dos alunos que se dividissem em grupos, os quais encenariam ou realizariam mímicas para que os demais identificassem as passagens dos livros ou os personagens que estariam sendo interpretados. Esta seria uma maneira de garantir que os alunos leiam a obra, pois precisariam ter certo domínio da leitura para poder representar os personagens da história.

No segundo intervalo, que contempla um momento rico em detalhes da vida de Antônio enquanto criança, seria pedido aos alunos que se dividissem nos mesmos grupos do intervalo anterior e que discutissem o tema “infância” em termos de vantagens e desvantagens. Os alunos deverão ter se apropriado dos momentos da história que abrange as páginas 20-45, em especial as páginas 20-25, para poder refletir sobre a possível dualidade da infância de Antônio, que nessa parte da narrativa aparenta ter sido permeada por momentos de júbilo e por momentos de profunda tristeza. Ao final, cada grupo deverá externar verbalmente sua posição a respeito do tema, usando a obra como ponto de partida.

Na terceira e última intervenção, referente ao que ocorre na narrativa a partir da página 46, seria solicitado aos alunos para, por meio das imagens abaixo, compartilhassem com a turma a que cena do livro as imagens lhe remetem, explicando qual delas mais chamou sua atenção e se eles perceberam alguma mudança no “tom” da narrativa, já que a essa altura da história são contados os momentos mais “sombrios”, como o assassinato dos gatos e a queda da avó.

Figura 1 – Imagens evocativas da leitura



Fonte: Colagem elaborada pelas autoras

Após o processo de leitura, o aluno teria se apropriado da obra, sendo capaz de extrair dela uma significação. Dessa forma, nesta etapa, o aluno deverá construir, individualmente, um epílogo para obra lida, isto é, uma pequena continuação da história, respondendo de forma criativa à obra. Em seguida, ele escolherá, com sua família, uma foto dele quando era criança, da qual se saiba a história, e então o aluno escreverá a “memória” dessa foto.

Assim, depois do processo de reescrita desses textos, será construído um mural de memórias, em que os alunos poderão compartilhar entre eles e com outras turmas, até mesmo com os pais se houver disponibilidade para criação de um evento, seus textos e suas impressões sobre a obra e suas próprias histórias, aproximando-os dos eventos de letramento que acontecem na narrativa estudada e levando-os, portanto, a uma compreensão mais completa do texto literário e a uma construção de sentidos própria.

## 5. Conclusão

A rapidez e intensidade com que mudanças no quadro social acontecem nos tempos atuais suscitam a reflexão de que o papel da literatura, a sua importância para a sociedade, está sendo posta na “era da suspeita” (COMPAGNON, 2007, p. 22). O fácil acesso às informações, bem como a facilidade para obtê-las na era digital, tem tornado a leitura de obras literárias algo enfadonho para a maioria dos jovens. Desarticulado com a realidade social desses indivíduos e sem contribuir em quase nada para a formação deles, o modo improdutivo de se ensinar literatura faz com que alunos e alunas perpetuem a seguinte questão sem jamais chegar a uma resposta: “literatura para quê?”.



Diante desse quadro, é preciso elaborar e pôr em prática estratégias que viabilizem o contato com o texto literário, mas de maneira convidativa aos estudantes, de modo que eles sintam-se motivados a construir os sentidos extralinguísticos dispostos nas obras literárias. As atividades de leitura precisam ceder lugar ao desenvolvimento de propostas didáticas possíveis de romper com a mera decodificação do texto, que prevê somente a identificação de aspectos superficiais como a constatação dos elementos da narrativa sem ser levado em conta os efeitos de sentido disso.

Conforme Antonio Candido pontua (1995, p. 179), a percepção e a visão de mundo dos indivíduos que se apropriam dos sentidos das produções literárias são enriquecidas. Portanto, faz-se necessário, na atual conjuntura social e política, trazer o texto literário para a sala de aula a fim de contribuir para uma formação mais humanizada dos alunos e das alunas que compõem esse ambiente. O primeiro passo a ser tomado para a efetivação disso firma-se em outro aspecto também postulado pelo autor: a noção de que as palavras dão forma ao que não se pode expressar ordenadamente.

A partir do momento em que “a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado” (CANDIDO, 1995, p. 177), tamanha articulação irá comunicar-se primeiramente com o indivíduo, fazendo-o organizar-se, processar os sentidos que emanam do texto literário para em um segundo momento organizar a maneira como o mundo pode ser visto. Nisso encontra-se a força da literatura e a sua importância para o tecido social.

Logo, é fundamental disseminar essa concepção nas instituições de ensino para que os estudantes tenham total clareza do papel da literatura. Obras como *Por Parte de Pai* além de poderem ser trabalhadas em sala de aula visando a construção e apropriação dos sentidos literários, como as sequências didáticas apresentadas neste trabalho pretendem alcançar, também podem ser consideradas um forte artifício para instigar o gosto pela leitura extraclasse.

Desse modo, obras assim ampliam as possibilidades do fazer literário nas escolas, pois têm o poder de dialogar diretamente com leitor, de dizer de maneira ordenada o que ele não consegue expressar. À medida que resgatam elementos que estão presentes no universo de alunos e alunas, retiram a literatura, aos poucos, da “era da suspeita” pontuada por Antonie Compagnon (2009), uma vez que garantem ao texto literário um lugar importante na vida desses jovens leitores.



## Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-189.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. (Orgs.). *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 61-76.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

Eles devem ler; mas, o quê?. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/eles-devem-ler-mas-o-que/>> Acesso: 26 de agosto de 2016.